



CORPO DE DELITO

Sala de espelhos

Cada conversa numa relação carrega a história dessa relação, leva às costas as decepções, as feridas, saradas ou não, as esperanças, as lembranças, boas e más



Rui Patrício

As conversas são, realmente, como as cerejas. Mas não apenas porque se entrelaçam e ao puxar uma vêm mais. Também porque têm caroço. Sejam suculentas sejam secas, verdes ou maduras, carnudas ou magras, saborosas ou insípidas, há sempre um caroço, com o qual é preciso ter cuidado, para não se ferir a boca ou partir os dentes. E se o engolirmos, que não nos engasgue e sejamos capazes de o digerir ou expelir. E não vale a pena começar as conversas com apelos à franqueza, à sinceridade ou aos olhos nos olhos. Por mais verdadeiro que seja o que se diz, por maior esforço que haja, existe sempre um caroço, composto por quem fala e pelas suas circunstâncias e pela sua relação com quem escuta. Nunca se fala com total franqueza ou sinceridade, há sempre

algo que os olhos nos olhos não dizem ou não evitam que se diga (mesmo que se não diga, aparentemente). Maior ou menor, existe sempre um "eu sei que tu sabes que eu sei que tu sabes". Ou "eu digo assim, mas o que quero dizer é assado". Ou "eu sei que tu pensarás isto quando eu disser aquilo". Ou "eu digo isto, mas na verdade o que quero dizer é aqueloutro, e tu sabes isso, e eu não dizer, mas querendo dizer, far-te-á sentir isto ou aquilo". Ou "eu digo que sim, mas na verdade é não". Ou "eu digo talvez, esperando que tu digas não, sabendo que o meu talvez vale um não". Ou várias destas coisas ao mesmo tempo, ou todas. *Et cetera.*

Um par amoroso não fala entre si com total sinceridade ou franqueza. No começo, porque cada um sabe de menos sobre o outro, e defende-se. Depois, porque cada um sabe de mais sobre o outro, e defende-se, mesmo que seja atacando. Cada conversa numa relação carrega a história dessa relação, leva às costas as decepções, as feridas, saradas ou não, as esperanças, as lembranças, boas e más, e cada conversa é também parte disso ou tudo isso. E quem diz as relações amorosas diz outras, como as de pais e filhos, as de irmãos,

as de amigos, as de parceiros de trabalho. Ou outras. "Eu sei que tu sabes que eu sei que tu sabes." Mesmo que a outra pessoa não saiba, ou não saiba aquilo que eu julgo que sabe, ou saiba mas daí não retire o que eu julgo ou espero ou temo que retire. Ou mesmo que não esteja sequer a escutar. As conversas são como as salas de espelhos. Qual é a imagem real? Nenhuma, todas, um pedaço de cada? Onde está a pessoa e onde estão os seus reflexos? É a pessoa que lá está e os seus reflexos existem, ou apenas estão nos meus olhos? Como no filme "A Dama de Xangai", como deve a personagem de Orson Welles fazer para atingir a personagem de Rita Hayworth? Como feri-la? Escutando, para distinguir onde está ela e onde estão os seus reflexos? Atirando a torto e a direito, partindo os espelhos, até acertar nela? Ou renunciar a atirar, voltando costas – e não ferindo, ou ferindo assim de outra forma? Ele opta por atirar a torto e a direito e acaba por atingir com uma bala. Não sabemos se fez bem. Ele não sabe se fez bem. Fica-lhe o caroço na garganta, para baixo e para cima; não chega a engasgar, mas incomoda, fica ali.

Advogado. Escreve ao sábado



O jogo de espelhos nas conversas interpessoais

LUKE MACGREGOR/REUTERS